

**QUANDO DIZER NÃO É FAZER “ALGUMA COISA URGENTEMENTE”, UM
CONTO DE JOÃO GILBERTO NOLL**

WHEN SAYING IT IS NOT DOING IT “ALGUMA COISA URGENTEMENTE”, A
SHORT STORY WRITTEN BY JOAO GILBERTO NOLL

Rebeca Fuks ¹

RESUMO: o objeto de estudo deste artigo é o conto “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll. O conto, que tem como pano de fundo o cenário da ditadura militar brasileira, é narrado a partir do ponto de vista do filho de um perseguido político. Retratando as consequências que a escolha do pai gerou na vida dos dois, o conto apresenta uma lenta e progressiva degradação dos personagens. Embora o tema da ditadura militar com suas implicações políticas e sociais compareça no artigo, a ênfase será dada a complexidade linguística presente no conto. O filho, narrador, faz uso de uma linguagem por vezes terna, por vezes supressora, por vezes catatônica, por vezes prolixa. Encontramos em “Alguma coisa urgentemente” uma história de formação as avessas. Na história de formação tradicional, o protagonista amadurece passando por uma série de provações até alcançar uma maturidade financeira, ética ou humana. No conto, por sua vez, o caminho traçado é o avesso, o filho percorre um longo aprendizado da agonia (tanto a partir da dor física quanto psicológica), se desumaniza e assiste se desumanizarem. Pretendemos ler como essa transformação se dá no nível da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: João Gilberto Noll, ditadura, linguagem.

ABSTRACT: the subject matter of this article is the tale "Alguma coisa urgentemente", written by João Gilberto Noll. The short story has the scenario of the Brazilian military dictatorship and is told from the son's point of view of a political persecution. The tale shows a slow and progressive degradation of the characters because of the father's choice. This article aims to make a close reading of the language used not neglecting other important aspects of the short story. The protagonist speaker uses a language sometimes suppressing sometimes catatonic sometimes long-winded. In traditional training history, the protagonist matures undergoing a series of trials to reach financial maturity, ethical or human. In the tale, the road is the reverse, the son goes a long agony of learning (both from the physical and psychological pain), he watch the father dehumanizes and dehumanizes too. We intend to read how this transformation occurs at the level of language.

KEYWORDS: João Gilberto Noll, dictatorship, literary language.

¹ Possui graduação em Letras (Português e Literatura de Língua Portuguesa) pela PUC-RIO e mestrado em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Atualmente cursa o Doutorado no Programa de Pós Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-RIO. Interesse nos seguintes temas: literatura contemporânea (especialmente portuguesa), metanarratividade, metaficção, narcisismo discursivo.

INTRODUÇÃO

“Aceito esta mulher como minha legítima esposa”

“Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth” (...)

Estes exemplos deixam claro que proferir uma dessas sentenças (nas circunstâncias apropriadas, evidentemente) não é descrever o ato que estaria praticando ao dizer o que disse, nem declarar que o estou praticando: é fazê-lo. (...) Quando digo, diante do juiz ou no altar, etc, “Aceito”, não estou relatando um casamento, estou me casando. Que nome daríamos a uma sentença ou a um proferimento deste tipo? Proponho denominá-la sentença performática (...) Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo “ação”, e indica que ao se emitir o proferimento está-se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo. (AUSTIN, 1990, p.24-25)

A epígrafe anterior, retirada do livro “Quando dizer é fazer”, do filósofo da linguagem John Austin, se refere a algumas orações específicas que não servem como descrição, elas são o próprio ato em si. Ao declarar “Aceito”, durante uma cerimônia de casamento e em frente a uma autoridade religiosa, a linguagem consagra uma ação, isto é, a palavra adquire um caráter performativo. Recorri aos estudos da linguagem a fim de, por contraste, tentar demonstrar as particularidades da construção linguística empregada no conto “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll, que será analisado neste artigo. Se nas orações performativas *dizer* é efetivamente *fazer*, isto é, a linguagem está atrelada a um gesto imediato, no conto o narrador-protagonista faz uso de uma linguagem que não avança em nenhum momento, é estéril porque não se liga a uma prática, não encadeia nenhuma ação a *posteriori*. Ao avesso das orações performativas, a frase “eu preciso fazer alguma coisa urgentemente”, repetida ao longo da narrativa, ilustra como, por vezes, *dizer não é fazer*. A situação-limite, que clama urgência, não desencadeia nenhuma atitude. Se nas orações performativas de Austin *dizer* consagra uma *ação*, na fala do personagem de Noll *dizer* não estabelece nenhum compromisso com o movimento.

Antes de adentrar nos meandros da linguagem empregada por Noll se faz necessária uma breve apresentação do conto. “Alguma coisa urgentemente” foi publicado pela primeira vez em 1980 no livro “O cego e a dançarina”. Adaptado para o cinema em 1984, o filme intitulado “Nunca fomos tão felizes” foi dirigido por Murilo Salles, com roteiro escrito por Alcione Araújo e Jorge Durán. Em 2000, o conto foi selecionado para figurar na coletânea

“Os cem melhores contos brasileiros do século”, organizada por Italo Moriconi a pedido da Editora Objetiva.

Embora trate de um tema extremamente denso – as vivências de um perseguido político da ditadura militar e o seu filho – chama a atenção do leitor a construção da linguagem empregada por Noll que oscila entre a frieza, a ternura, a descrição e a supressão. Ainda que a complexidade linguística tenha servido como catapulta inicial para o presente estudo, algumas outras questões que foram suscitadas durante o percurso de análise se encontram aqui registradas.

DESENVOLVIMENTO

Como mencionado anteriormente, “Alguma coisa urgentemente” trata de um contexto histórico social de ditadura militar – embora haja apenas uma breve passagem do conto que permite o leitor inferir com mais evidência esse período. Ao final do sexto parágrafo o narrador menciona rapidamente: “No final de 1969 meu pai foi preso no interior do Paraná. (Dizem que passava armas a um grupo não sei de que espécie.)” (NOLL, 2000, p.416). Este é o único trecho através do qual é possível estabelecer uma associação clara de que o pai do protagonista fazia parte de uma oposição política e, por isso, vivia foragido e permanentemente ameaçado. Quem conta essa história é o filho, que não ganha nome próprio em nenhum momento do relato e assiste a crise contínua e progressiva do pai que a cada aparição parece se desintegrar fisicamente. Primeiro, após ganhar a liberdade, ressurge para buscar o filho no colégio interno sem um dos braços, depois perde uma quantidade significativa de peso e os dois dentes da frente, então se descobre doente e comunica que vai morrer. Ele é um eterno condenado que perambula, sem qualquer sinal de estabilidade.

O conto de João Gilberto Noll é uma espécie de história de formação às avessas. Em seu formato tradicional, as narrativas de formação apresentam a jornada de um personagem da infância rumo à maturidade, em busca de crescimento espiritual, político, social, psicológico, físico ou moral. Há um amadurecimento envolvido, uma ascensão seja ela financeira, ética ou humana. O que figura em “Alguma coisa urgentemente” é exatamente o oposto: um personagem que parte da infância, mas em direção a uma longa e lenta degradação que culmina com a provável morte do pai. O conto pode ser concebido como uma espécie de aprendizagem do desamparo, uma vez que o pai, responsável por cuidar do menino, é uma

figura precária, instável, que sequer pode dar conta de si e está inteiramente à mercê de acontecimentos que o ultrapassam. Vale lembrar que a morte do pai é apontada logo no princípio da narrativa como o grande medo do filho:

Eu lhe pedia colo. Ele me dava e assobiava uma canção medieval que afirmava ser a sua preferida. No colo dele eu balbuciava uns pensamentos perigosos:

— Quando é que você vai morrer?

— Não vou te deixar sozinho, filho! (NOLL, 2000, p.416)

A ameaça de estar sozinho era de fato concreta visto que não havia mais ninguém para dar conta do menino (a mãe abandonara o pai quando a criança ainda era de colo, não existe nenhuma menção a amigos ou parentes que pudessem prestar assistência). Ao fim e ao cabo, em um movimento de certo modo circular, o imenso pavor do menino se concretiza. O pai não cumpre a promessa feita ao filho no princípio do relato. Se na primeira cena é a possível morte do pai que se delineia, na última cena é a morte aludida do pai que se realiza (“e fui correndo pro quarto e vi que o meu pai estava com os olhos duros olhando pra mim” NOLL, 2000, p.422).

A solidão do protagonista, no entanto, não se dá apenas ao fim da história. Durante toda a narrativa ele se mantém só e no auge de sua angústia lamenta: “Mas precisava me comunicar com alguém, contar o que estava acontecendo. Mas quem?” (NOLL, 2000, p.420). Tanto pai quanto filho não estabelecem nenhuma relação de afeto com as outras pessoas ou com o espaço. O ambiente familiar acolhedor retratado no princípio da infância dá lugar a um absoluto ensimesmamento: os personagens não se comunicam entre si e não se comunicam com os outros. Tudo é da ordem do provisório, a começar pelo pai, um indivíduo marcado pela rotatividade. Como observa Neviani a respeito dos personagens concebidos por Noll:

[os personagens] estão sempre em trânsito, ainda que sem uma trajetória definida. Entretanto, no caso deste conto de Noll, não apenas o protagonista possui essa qualidade de indivíduo errante, pois seu pai trata-se, também, de uma pessoa cuja identidade é desconhecida e tem a perambulação como uma de suas principais características, tal como observa o narrador do conto: “O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade” (NOLL, 2001, p. 416). De fato, a gênese do pai do narrador, e do filho conseqüentemente, é a rotatividade. (NEVIANI, 2011, p.279)

Eles mudam de cidade – de Porto Alegre para Ponta Grossa, de Ponta Grossa para São Paulo, de São Paulo para o Rio de Janeiro – e de habitação (no caso do menino da Rua

Ramiro Barcelos para a casa da vizinha, para o colégio interno, para uma pensãozinha barata, para o apartamento na Avenida Atlântica).

A rotatividade dos personagens está relacionada de certo modo com a própria ideia de encarceramento, uma vez que o trânsito é forçoso e não confere liberdade de ir e vir. Essa constante mobilidade pode ser encarada como um sintoma da perseguição e da necessidade de escapar continuamente à captura. A rotatividade, se pensada no cenário em que a história se passa, isto é, em um contexto de ditadura militar, está condicionada e submetida à lógica do esconderijo, que implica em forjar confinamentos provisórios. A rotatividade no conto de Noll não implica, portanto, em uma liberdade e sim em uma incessante fuga.

O conhecimento da vida aprendido pelo garoto ao longo de seu percurso – na primeira infância “Como lidar com uma criança que sabe?” (NOLL, 2000, p.417), mais tarde no colégio interno “Os colegas me ensinaram a jogar futebol, a me masturbar e a roubar comida dos padres.” (NOLL, 2000, p.417) e então na própria rua “Eu manjei tudo e pensei que estava sem dinheiro.” (NOLL, 2000, p.419) – se opõe ao total desconhecimento dos assuntos do pai – “Vão te descobrir mas não dê uma única declaração, diga que não sabe de nada. O que é verdade.” (NOLL, 2000, p.), reitero, “Eu me calava. Pois se referir ao meu pai presumia um conhecimento que eu não tinha.” (NOLL, 2000, p.417)

A linguagem é terna, a princípio, quando retrata os primeiros anos de vida: os passeios com o pai, o colo, o assobio familiar. Porém, no decorrer do conto, se cria, em determinados momentos, uma linguagem do mínimo, da supressão, que não esclarece, apenas comunica com certa frieza. O pai, em carta, entra em contato com o filho que está no internato, e o diretor da escola, ao intermediar a carta, diz apenas “Ele [o pai] vai bem” (NOLL, 2000, p.417) e o menino agradece sem pedir mais esclarecimentos. Quando retorna para buscar o filho, sua nova condição de multilado é descrita em apenas uma frase “Quando cresci meu pai veio me buscar e ele estava sem um braço.” (NOLL, 2000, p.417). Há, segundo Márcia Regina Xavier da Silva:

uma inscrição metonímica da alegoria da amputação que, sofrida no corpo do pai, marca a falta da relação entre eles; a operação é sempre de perda, anunciada de uma forma reta, seca, sem emoção; o que aponta para o signo do silêncio que já se inscrevera desde cedo no filho: “[...] e saí dizendo no mais silencioso de mim: — Ele [o pai] vai bem.” (NOLL, 1997, p.684) (SILVA, 2006, p.65)

Em todas as cenas onde se inscreve a perda (o braço que havia e já não há, os dentes que existiam e agora deixam a boca vazia, o peso que faz falta ao corpo) é operado um corte e

a descrição é bruscamente encerrada. Uma estética da crueza, quase como uma tomada cinematográfica que interrompe a ação. São trechos narrados de uma maneira frontal, sem rodeios e sem apaziguamentos. Outro exemplo bastante evidente dessa estética do mínimo na linguagem e da naturalização de eventos traumáticos pode ser vista na cena em que o protagonista se prostitui:

— Quer entrar? — o homem me disse.

Eu manjei tudo e pensei que estava sem dinheiro.

— Trezentas pratas — falei.

Ele abriu a porta e disse entra, o carro subiu a Niemeyer, não havia ninguém no morro em que o homem parou. Uma fita tocava acho que uma música clássica e o homem me disse que era de São Paulo. Me ofereceu cigarro, chiclete e começou a tirar a minha roupa. Eu pedi antes o dinheiro. Ele me deu as três notas de cem abertas, novinhas. E eu nu e o homem começando a pegar em mim, me mordida de ficar marca, quase me tira um pedaço da boca. Eu tinha um bom físico e isso excitava ele, deixava o homem louco. A fita tinha terminado e só se ouvia um grilo.

— Vamos — disse o homem ligando o carro.

Eu tinha gozado e precisei me limpar com a sunga. No dia seguinte meu pai voltou, apareceu na porta muito magro, sem dois dentes. Resolvi contar:

— Eu ontem me prostituí, fui com um homem em troca de trezentas pratas. (NOLL, 2000, p.419)

Há uma passividade total e absoluta do filho, um distanciamento, tanto no que diz respeito à venda do seu próprio corpo quanto à decadência e a decomposição do corpo do pai. É importante observar que assim como nos exemplos anteriores vigora uma narração direta, intensa, embora haja uma distinção significativa entre a cena da prostituição e as cenas de aparecimento do pai cada vez mais debilitado. Existe um excesso de descrição pormenorizada em alguns momentos (como o grilo que cantava quando a fita acabou, a maneira de ter se limpado com a sunga após ter gozado), em oposição a uma descrição mínima, de fala telegráfica, condensada, operando com elipses, interrupções e lacunas em instantes cruciais (“É que eu não tinha gostado de ir com aquele homem na noite anterior, meu pai ia morrer e eu não tinha um puto centavo.” NOLL, 2000, p.419).

Em “Narrativa e paroxismo – será preciso um pouco de sangue verdadeiro para manifestar a crueldade?”, Renato Cordeiro Gomes diferencia dois tipos de narrativa relacionados a uma estética da crueldade. Na primeira categoria localiza textos em que:

Dá-se a narrativa direta da crueldade, pelo paroxismo das imagens, pelo excesso, procedimento muito comum nos produtos midiáticos, que entendem a crueldade pelo explícito, pela repetição, que abdica,

estrategicamente, da síntese. Busca-se um realismo atrelado ao efeito do real (para usar a expressão de Barthes), que privilegia a representação mimética da realidade referencializada e se encaminha para o documental (próximo do naturalismo tradicional), criando a ilusão da realidade (GOMES, 2004, p.146)

A descrição acima pode dar conta de algumas passagens de “Alguma coisa urgentemente”. Cito a título de exemplo as passagens mais sexualizadas descritas com minúcia em cada pormenor (“Me ofereceu cigarro, chiclete e começou a tirar a minha roupa. (...) E eu nu e o homem começando a pegar em mim, me mordida de ficar marca, quase me tira um pedaço da boca. NOLL, 2000, p.419, “Eu tinha gozado e precisei me limpar com a sunga.” NOLL, 2000, p.419) ou nos pequenos elementos utilizados para trazer maior senso de realidade à descrição do ambiente e do estado de saúde do pai (“à sujeira, os lençóis encardidos” NOLL, 2000, p.418, “o apartamento tinha um cheiro ruim, de coisa estragada” NOLL, 2000, p.420, “De vez em quando lhe trazia um cachorro-quente que meu amigo da Geneal me dava, mas meu pai repelia qualquer coisa e expulsava os pedaços de pão e salsicha para o canto da boca.” NOLL, 2000, p.420).

O segundo tipo de narrativa, de acordo com Renato Cordeiro Gomes, é aquela que:

abre mão do documental para narrar uma experiência que beira o insuportável, que se encaminha para o indizível e põe em crise a representação. São relatos que narram a crueldade por deslocamento ou por condensação, o contrário do paroxismo. (...) Os atos terríveis e cruéis são filtrados pela linguagem econômica, que funciona como mediação, quase uma espécie de “decoro”, que revela indiretamente a violência. (...) É o artifício da linguagem que instaura a crueldade, tanto mais cruel porque dita de modo cínico e displicente (GOMES, 2004, p.147-149)

Ora, esse não seria o caso de: “No dia seguinte meu pai voltou, apareceu na porta muito magro, sem dois dentes” (NOLL, 2000, p.419)? Ou, ainda, em um exemplo mais radical, quando o pai afirma friamente “Eu vim para morrer” (NOLL, 2000, p.419)? Boa parte do conto funciona a partir da supressão, da falta, da economia de palavras ao invés da explicação. Esse desequilíbrio evidente ao longo do relato com passagens descritas em detalhes antagonizando silêncios significativos são compatíveis também com a época em que o conto se passa. Durante a ditadura militar fica claro como narrar é arriscado e esse ensinamento é transmitido de pai para filho:

- Eu quero saber – eu disse para o meu pai.
- Pode ser perigoso – ele respondeu.

E desliguei a televisão como se pronto para ouvir. Ele disse não. Ainda é cedo. (NOLL, 2000, p.418)

E parece ser sempre cedo porque o protagonista – tal como o leitor – nunca fica sabendo o que de fato se passa na vida do pai. Por que esse homem precisa estar sempre em fuga? Do que tanto foge? Mesmo quando comunica a sua morte de forma abrupta paira na narrativa um total e absoluto desconhecimento:

– Eu vim para morrer. A minha morte vai ser um pouco badalada pelos jornais, a polícia me odeia, há anos me procura. Vão te descobrir mas não dê uma única declaração, diga que não sabe de nada. O que é verdade. (NOLL, 2000, p.419)

A pesquisadora Paloma Vidal opera uma leitura do conto de João Gilberto Noll a partir de uma perspectiva do cenário político brasileiro dos anos de chumbo. Segundo ela, “Alguma coisa urgentemente”:

Fala da causa perdida do pai e da desorientação do filho diante da incógnita do futuro. Fala de toda uma épica revolucionária perdida. Só que a perda aqui, como sugere a epígrafe, aduba, prepara o terreno para um outro tempo e para uma outra escrita. A perda mobiliza, mas tem seu tempo próprio, que exige uma suspensão da ação. A indefinição do conto, o que o conto deixa propositalmente indefinido, ou seja, o futuro do filho e o passado do pai, anuncia um tempo em que não há mais lugares marcados, nem na política nem na estética, um tempo órfão que abre as portas para uma nova escrita. (VIDAL, 2006, p.74)

A desorientação do filho pode ser evidenciada através de sua fala recorrente, “eu preciso fazer alguma coisa urgentemente”, jamais transformada em gesto. A frase, enunciada em primeira pessoa assim como a totalidade do relato, surpreende por tratar de um “eu” que em nenhum momento assume uma ação. Um “eu” em suspensão, como se estivesse anestesiado. Embora a situação se torne gradativamente mais terrível, o protagonista não reage senão através da palavra (e mesmo assim por meio de uma linguagem gramaticalmente correta embora não compatível com a urgência suscitada pela história. O advérbio “urgentemente” parece fora de compasso tanto porque não reflete a emergência do que se conta quanto porque destoa do tom coloquial que marca a fala do protagonista).

O título “Alguma coisa urgentemente” não carrega verbo, mas das outras três aparições da frase, em duas o verbo “precisar” está no pretérito imperfeito e uma no presente. A primeira ocorrência sucede quando o pai comunica que vai morrer, ao que o narrador protagonista elabora em silêncio: “Eu fui para a janela pensando que ia chorar, mas só consegui ficar olhando o mar e sentir que precisava fazer alguma coisa urgentemente.”

(NOLL, 2000, p.419). Em seguida ele vai em direção ao pai, já aos trapos, e constata “O pulso ainda tinha vida. Eu preciso fazer alguma coisa urgentemente, a minha cabeça martelava.” (NOLL, 2000, p.419). A última aparição é ao fim do conto, na última frase, quando o pai, usando suas últimas energias, chama pelo garoto pela primeira vez usando o nome próprio: “e eu fiquei parado na porta do quarto pensando que eu precisava fazer alguma coisa urgentemente.” (NOLL, 2000, p.422). Trata-se de uma inércia fracionada em vários estágios, que a linguagem vai decantando de modo enervante, ao longo da narrativa. Passado, presente, futuro, todos os tempos verbais são engolfados por este estado de paralisia e impasse.

Noll narra uma situação-limite onde figura uma total desarmonia entre a semântica e a sintaxe: a oração “eu preciso fazer alguma coisa urgentemente” transmite uma formalidade oposta à urgência que as circunstâncias pedem “Quando cheguei em casa entendi de vez que meu pai era um moribundo. Ele já não acordava, tinha certos espasmos, enrolava a língua e eu assistia².” (NOLL, 2000, p.420).

A própria repetição da frase que dá título ao conto denuncia a impossibilidade do personagem ir para outro lugar linguisticamente, de ter algum gesto que o afaste do ciclo vicioso em que se encontra. O apartamento, que segue em declínio – com lençóis cada vez mais puídos, baratas surgindo –, é sintoma deste lugar enclausurado e solitário, em oposição ao mar aberto onde apenas um personagem bem humorado consegue transpor a barreira e interagir com o menino (o vendedor de cachorro quente da Geneal).

O único contato afetivo além do vendedor da Geneal que escapa ao silenciamento ocorre quando Alfredinho toca a campainha do apartamento para saber, em nome da diretora, porque o colega andava cabulando tantas aulas. Alfredinho estranha o estado decadente do lugar, o mau cheiro, o sofá despencando, as baratas caminhando pela parede, mas com um misto de nojo e medo, disfarça. A fim de tentar desviar a atenção do interlocutor, o narrador-protagonista fala compulsivamente mesmo não dizendo nada, vomitando uma linguagem do excesso ao avesso da fala quase inexistente de outrora.

Eu sentei na poltrona e fiquei falando tudo que me vinha à cabeça para distraí-lo dos ruídos do meu pai, da barata na parede, do puído do sofá, da sujeira e do cheiro do apartamento, falei que nos dias da doença eu lia na cama o dia inteiro umas revistinhas de sacanagem, eram dinamarquesas as tais revistinhas, e sabe como é que eu consegui essas revistinhas?, roubei no escritório do meu pai, estavam escondidas na gaveta da mesa dele, não te mostro porque emprestei pra um amigo meu, um sacana que trabalha numa carrocinha da Geneal aqui na praia,

² A escolha do verbo na citação é interessante, o verbo *assistir* pode significar tanto “dar assistência, prestar socorro” quanto “ser observador, acompanhar passivamente, testemunhar”.

ele mostrou pra um amigo dele que bateu uma punheta com a revistinha na mão, tem uma mulher com as pernas assim e a câmara pega a foto bem daqui, bem daqui cara, ó como os caras tiraram a foto da mulher, ela assim e a câmara pega bem desse ângulo aqui, não é de bater uma punheta mesmo?, a câmara pertinho assim e a mulher nua e com as pernas desse jeito, não tou mentindo não cara, você vai ver, um dia você vai ver, só que agora a revistinha não tá comigo, por isso que eu digo que ficar doente de vez em quando é uma boa, eu o dia inteiro deitado na cama lendo revistinha de sacanagem, sem ninguém pra me aporinhar com aula e trabalho de grupo, só eu e as minhas revistinhas, você precisava ver, cara, você também ia curtir ficar doente nessa de revistinha de sacanagem, ninguém pra me encher o saco, ninguém cara, ninguém. (NOLL, 2000, p.421)

A pontuação segue o ritmo dessa cadência de oralidade ansiosa, um discurso sôfrego, o parágrafo inteiro não possui um ponto final, uma pausa significativa, uma interrupção. Essa avalanche de linguagem despertada pela presença de Alfredinho, quase uma tagarelice nervosa, entra em contraste com a linguagem multilada, cifrada, de antes. A ação é interrompida pela voz que vem de dentro do apartamento, a voz do pai moribundo chamando pelo filho. O leitor não sabe qual o nome do filho – nem jamais saberá – assim como não poderá saber o final da história e o motivo que faz com que o pai precise fugir continuamente. Pai e filho são anônimos, relembro, assim como maior parte dos personagens que são designados apenas por suas funções (a diretora da escola, a empregada do colega de classe, a vizinha, o vendedor do cachorro quente). O conto se encerra com esse chamamento pelo filho e com a narração em aberto. Ao reiterar “eu precisava fazer alguma coisa urgentemente” (NOLL, 2000, p.422), o protagonista demonstra ter sido condenado à inação até o fim.

CONCLUSÃO

“Alguma coisa urgentemente” não apresenta soluções, uma saída heroica ou mesmo qualquer brecha por onde possa haver uma possível salvação, um respiro, uma alternativa. O conto se apresenta como um impasse permanente. Contrariando narrativas que chegam ao fim com uma resolução e dão ao leitor uma sensação apaziguadora, o conto termina em um momento crucial: não se sabe o passado do pai, o porque de sua condenação, o que acontecerá com o filho. O que se tem é apenas o tempo presente.

O protagonista repete até o último suspiro do pai que precisa fazer alguma coisa urgentemente. Mas o que? Qual é a sua margem de manobra em um cenário tão encerrado? O

que se poderia fazer concretamente ao assistir um pai perseguido político morrendo bem embaixo dos seus olhos? A quem pedir ajuda? A polícia? A imprensa? O que será do futuro de alguém que desde pequeno esbarra em situações que o ultrapassam e o devoram?

Retomo o princípio do conto, quando o menino está passeando na companhia do pai. A pergunta que faz é pueril: “Pra que ler?” (NOLL, 2000, p.416) E ouve a seguinte resposta: “Quando você aprender a ler vai possuir de alguma forma todas as coisas, inclusive você mesmo” (NOLL, 2000, p.417). Quando o pai, anos mais tarde, ganha liberdade do presídio e volta para buscar o filho no internato, a primeira coisa que o menino comunica é “Olhei para o meu pai e disse que eu já sabia ler e escrever.” (NOLL, 2000, p.417) como se em um pedaço de si restasse à esperança da promessa feita na infância: se você souber ler irá ganhar o controle de todas as coisas. A promessa falha porque, mesmo sabendo ler e escrever, não há nada na vida do garoto que ele possa controlar – nem o destino do pai nem o seu próprio destino.

“Alguma coisa urgentemente” finda no instante em que as dúvidas se multiplicam. O que resta é a dúvida, a angústia de saber que possivelmente talvez já seja tarde demais para que se faça alguma coisa urgentemente.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AVELAR, Idelber. **Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina**. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CORDEIRO, Sarita Costa Erthal. **Por vias e desvios: um panorama sobre o protagonista de João Gilberto Noll em suas trilhas contemporâneas**. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes, RJ, 2008.

GOMES, Renato Cordeiro. “Narrativa e paroxismo: será preciso um pouco de sangue verdadeiro para manifestar a crueldade?” in DIAS, Ângela Maria; GLENADEL, Paula (org). **Estéticas da crueldade**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.

NEVIANI, Marcos Rafael da Silva. **Manifestações do grotesco em “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll**. RevLet - Revista Virtual de Letras, v. 3, p. 271-291, 2011.

NOLL, João Gilberto. “Alguma coisa urgentemente” in MORICONI, Italo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

SILVA, Márcia Regina Xavier da. **“Alguma coisa urgentemente” ou a travessia do vazio radical.** Revista de Letras, São Paulo, 46 (2): 59-75, jul./dez. 2006.

SOBREIRA, Ricardo da Silva. **Escritas indeterminadas e sujeitos fragmentários em contos pós-modernos de João Gilberto Noll e Sam Shepard.** Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

VIDAL, Paloma. **Depois de tudo: trajetórias na literatura latino-americana contemporânea.** Tese de doutorado - Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

Data de recebimento: 24/06/2015

Data de aprovação: 10/12/2015